

Juros, lá fora, vão cair mesmo

ARNOLFO CARVALHO
Enviado especial

Washington - A taxa preferencial de juros nos Estados Unidos pode cair para 12,5 por cento, na abertura dos negócios amanhã, seguindo a tendência iniciada na quinta-feira pelo Morgan Bank, que reduziu sua **prime rate** de 13 para 12,75 por cento, de acordo com a expectativa de analistas do mercado. Mas estes movimentos de baixa devem ser revertidos no próximo ano, quando os juros internacionais provavelmente voltarão a subir tão logo a economia americana retome os níveis anteriores de crescimento.

As autoridades econômicas brasileiras que estão participando das reuniões do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial encaram com reticência estas oscilações da **prime**, por saberem que a queda desta semana tem origem na desaceleração da economia norte-americana, registrada no terceiro trimestre do ano. "Vamos aguardar para ver como fica isso", declarou ontem o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, lembrando que a eventual confirmação da tendência de baixa representará obviamente "uma coisa bastante posi-

va", se for mantida por um período de doze ou seis meses pelo menos.

O chefe da assessoria econômica do Ministério da Fazenda, Edésio Ferreira, concorda que a queda de 0,25 por cento na taxa preferencial do Morgan Bank foi provocada pela menor demanda de crédito por parte das empresas, com a redução no ritmo de crescimento econômico. O Produto Nacional Bruto (PNB) dos Estados Unidos, que chegou a crescer 10,1 por cento no primeiro trimestre, registrou no terceiro trimestre deste ano uma expansão bem mais modesta, de apenas 3,6 por cento. Além disso, influiu também a disposição do Federal Reserve em fornecer reservas adicionais ao sistema bancário americano.

Desde o início deste mês, os bancos americanos vinham registrando declínio das taxas de juros de curto prazo, exatamente por causa da menor procura por empréstimos ao comércio e à indústria, até que o Morgan tomou a iniciativa de baixar a taxa cobrada de seus clientes preferenciais (**prime rate**). Alguns bancos de menor porte fizeram o mesmo, mas as demais instituições financeiras de pri-

meira linha mantiveram na sexta-feira a taxa em 13 por cento.

Por uma questão de competitividade, outros grandes bancos americanos podem baixar a **prime** ainda mais na próxima semana, de acordo com analistas ouvidos em Washington, estabelecendo assim as condições para queda também na taxa interbancária de Londres (Libor).

Estes mesmos analistas estão divididos claramente entre os que acreditam na manutenção da tendência de queda e aqueles ou seja, a maioria no noticiário econômico — que continuam apostando na elevação do custo do dinheiro, tão logo a economia americana retome os níveis anteriores de crescimento. De qualquer forma, isto só deve ocorrer no próximo ano, já após a definição das eleições presidenciais. Se a nova alta for confirmada, aumentará também a pressão dos países endividados, para que o problema da dívida externa seja discutido no próximo semestre, não apenas a nível do FMI/Banco Mundial, como quer o secretário norte-americano do Tesouro, Donald Regan, mas também a nível de governos.